

A INFLUÊNCIA DAS DOCTRINAS NÃO ESCRITAS NA INTERPRETAÇÃO DA OBRA DE PLATÃO

Rogério Garcia Mesquita¹

RESUMO: Trata-se de uma verdadeira revolução cultural o que ocorreu no mundo helênico no período de transição de uma cultura oral para uma cultura escrita, na qual Platão deu contribuições importantes, eis que viveu nesse decisivo momento histórico. O filósofo ateniense era crítico feroz da palavra escrita, apesar de ter escrito muitos diálogos. Ele considerava a oralidade uma forma de comunicação superior, pois afirmou que as *coisas de maior valor* não deveriam ser consignadas por escrito. Dessa forma, as doutrinas não escritas, reveladas pela tradição indireta, autorizam uma nova leitura de Platão, posto que são potencialmente capazes de esclarecer pontos obscuros dos seus diálogos.

PALAVRAS-CHAVE: Platão. Oralidade. Escrita. Tradição indireta. Doutrinas não escritas.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade tecer algumas considerações em torno das doutrinas não escritas de Platão. Trata-se de tema que ganhou ampla repercussão entre os estudiosos do Platonismo a partir da tese formulada pela denominada *Escola de Tübingen*, especialmente através das pesquisas de Hans Krämer e Konrad Gaiser, segundo a qual os Diálogos Platônicos devem ser relidos à luz das doutrinas não escritas noticiadas pela tradição indireta, composta pelos discípulos do ateniense que registraram por escrito aquilo que foi transmitido pelo mestre exclusivamente de forma verbal.

A abordagem é justificada pela ampla valorização que as doutrinas não escritas de Platão têm recebido, principalmente a partir da adesão de Giovanni Reale à tese da *Escola de Tübingen*. Os relevantes estudos do professor italiano concluíram que a aceitação das doutrinas não escritas como eixo de leitura da obra platônica escrita deve ser reconhecida como uma revolução paradigmática, ou seja, como critério inafastável dos estudos do pensamento do ateniense atualmente.

¹ Especialista em Epistemologia e Metafísica pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus de Erechim. Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus de Erechim. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus de Erechim. E-mail: rogeriomesquita@uricer.edu.br

O objetivo do estudo em tela é apresentar uma ideia geral das doutrinas não escritas de Platão, com o propósito de aferir as implicações hermenêuticas para a compreensão dos Diálogos Platônicos, notadamente o peso que deve ser conferido a esse novo paradigma de interpretação, pois o legado da tradição indireta ainda é controverso entre os estudiosos de Platão.

Para o desenvolvimento do assunto julgou-se pertinente fazer uma breve exposição acerca do papel da oralidade e do papel da escritura no mundo helênico clássico. Com isso, pretende-se registrar os momentos históricos em que a Grécia Antiga era dominada por uma cultura de comunicação predominantemente baseada na forma oral e, posteriormente, como se deu a revolução cultural consistente na passagem para o domínio da técnica escrita de comunicação.

A figura exponencial de Platão aparece como homem de dois mundos, pois viveu coincidentemente no período de transição do mundo helênico da cultura oral para a cultura escrita, e soube com maestria emprestar o devido valor a cada uma dessas formas de comunicação.

Posteriormente, o presente estudo expõe os fundamentos da crítica que Platão realiza em face da escrita, denominados de “autotestemunhos”, e desenvolvidos no Diálogo *Fedro* e na *Carta VII*, os quais revelam uma contradição, ao menos aparente, pois Platão defende a comunicação verbal e, simultaneamente, tem uma vasta obra escrita.

Após, faz-se uma correlação entre doutrinas não escritas, tradição indireta e Teoria dos Princípios, pois o vínculo entre tais noções decorre da existência de uma Teoria dos Princípios em Platão, a qual constitui o conteúdo explícito das doutrinas não escritas que foram reveladas pela tradição indireta.

Alguns testemunhos integrantes da tradição indireta serão aludidos, como propósito de demonstrar que efetivamente muitos discípulos de Platão revelaram a existência de uma doutrina do ateniense que era transmitida exclusivamente de forma verbal aos seus alunos da Academia.

Por fim, é examinada a tese da *Escola de Tübingen*, com os acréscimos produzidos por Giovanni Reale, em consonância com a qual as doutrinas não escritas são indispensáveis para o entendimento adequado dos Diálogos de Platão.

2. DA ORALIDADE À ESCRITURA NO MUNDO HELÊNICO

Como é possível definir uma sociedade dominada pela cultura da oralidade? Fundamentalmente, significa que os valores tradicionais são transmitidos para cada geração através da modalidade oral de comunicação, ou seja, em detrimento da forma escrita. A compreensão das características de uma sociedade

fundada numa cultura oral exige clareza, primeiramente, da forma inconsciente pela qual atuam os sujeitos da linha de frente que representam tal cultura.

É preciso deixar claro que esses indivíduos agem reproduzindo o *modus vivendi* que lhes foi repassado pela geração anterior, isto é, não têm por intento estudar a linguagem, mas limitam-se a agir espontaneamente e, dessa forma, conseguem perpetuar os seus costumes. Por consequência, a conservação duradoura do patrimônio comum representativo dessa sociedade protoalfabetizada é dessa maneira assegurada. Nesse sentido, “uma teoria geral da oralidade deve fundar-se sobre uma teoria geral da sociedade. Essa exige que a comunicação seja entendida como fenômeno social, não como uma transação privada entre indivíduos” (HAVELOCK, 1987: 87).

Com efeito, para que haja reprodução de um determinado modelo de vida social é preciso que todos os componentes da sociedade aprendam de modo integrado os conceitos, regras e valores que lhe dão suporte, fenômeno que ocorre através da tradição. É certo afirmar que cada sociedade tem sua tradição. E cada tradição, por sua vez, tem suas características específicas, cuja descoberta e desenvolvimento constituem o processo de formação de cada indivíduo que compõe o tecido social:

Os instrumentos que lhe permitirão adquirir esse conhecimento são dois: o método de aprendizagem visual, que consiste em observar uma ação com o fim de imitá-la, e o método linguístico, que consiste no que se diz para fazer, nesse caso através de uma voz coletiva, que é a voz da comunidade (HAVELOCK, 1987: 89).

O primeiro método é bastante eficaz na transmissão das artes e artesanatos, mas é evidente que carece de uma linguagem programada que contenha as instruções necessárias. O segundo método, em contrapartida, não padece dessa lacuna, pois importa no conhecimento das regras dotadas de estabilidade. As instruções devem ser repetidas de geração em geração, e a repetição deve ser garantida fielmente, sob pena de perda da coerência da cultura, até restar comprometido o próprio caráter histórico dessa cultura (HAVELOCK, 1987).

O questionamento inevitável daí decorrente é acerca das condições de possibilidade de transmissão de instruções estáveis numa cultura oral. E a resposta pode ser vislumbrada mediante o que foi denominado de “palavra ritualizada”, que consiste numa linguagem tradicional que se tornou repetida e uma gama de rituais nos quais as palavras permanecem numa ordem fixa (GALASSO, 2005).

O emprego da palavra de forma ritualizada torna-se o instrumento por excelência de memorização, cujo exemplo histórico mais ilustrativo é representado pelos poemas homéricos na cultura helênica clássica:

Num similar contexto histórico o veículo fundamental da continuidade é dotado de uma complexa evolução do estilo oral, através da qual um inteiro modo de viver, e não apenas os atos heroicos devem ser contados e transmitidos de uma geração à outra. O estilo de Homero representa a seguir o estilo grego internacional, assim como o seu conteúdo constitui a enciclopédia tribal de todo o povo helênico (HAVELOCK, 1987: 99).

A passagem de uma cultura quase que exclusivamente oral para uma cultura escrita consistiu numa verdadeira revolução cultural no mundo helênico. É pertinente salientar que a comunicação não era totalmente oral porque os gregos, desde o século VIII a.C., conheciam a escrita, que era usada somente em casos específicos, tais como leis, decretos, alguns registros comerciais, inscrições em lápides. Poucos indivíduos sabiam ler, pois a alfabetização foi difundida apenas na primeira metade do século IV a.C. No decorrer dos séculos VIII a IV a.C. a técnica oral e a técnica escrita de comunicação operavam paralelamente. Sabe-se que o primeiro livro de prosa conhecido é de autoria de Anaxágoras, na metade do século V a.C., sendo divulgado pelos sofistas e pelos oradores, por exemplo Protágoras e, sobretudo, Isócrates (REALE, 1998).

Mas não se pode olvidar que a implementação do processo de alfabetização e difusão da escrita exigiu uma nova configuração social, dadas as mudanças inevitáveis e significativas implicadas. E a figura de Platão estava no centro desse processo de transição definitiva da oralidade à escritura:

Após haver tratado o conteúdo da tradição homérica que foi submetida ao crivo da censura, acenando à forma estilística que mais se prestava à transmissão dos conteúdos educativos, Platão conclui enfim pela renúncia da poesia imitativa: essa de fato não pode adaptar-se a um modelo pedagógico que ambiciona à formação de um homem plenamente consciente de sua própria subjetividade (FARANDA, 1992: 40-41).

Platão nasceu em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Foi justamente nesse período que ocorreu uma verdadeira revolução cultural na Grécia, que culminou com a difusão da cultura escrita, em detrimento da oralidade até então dominante. Com efeito, o predomínio da tradição oral entre o povo grego começa a ceder nas últimas décadas do século V a.C., até ser definitivamente suplantado pela fase escrita na primeira metade do século IV a.C. Por isso, Havelock não hesita em afirmar que todo estudo sobre Platão não pode desconsiderar esse decisivo momento histórico vivenciado pelo ateniense (HAVELOCK, 1983).

Cabe analisar a afirmação de que a mais importante figura desse período de transição é indubitavelmente Platão. É que a experiência, os problemas e as aspirações educativas que foram surgindo na história grega, desde a idade homérica até a constituição da Cidade-Estado, inclusive a ascensão e crise de Atenas, parecem convergir na obra platônica:

Mas Platão se distingue claramente do universo da oralidade: ele é de fato um escritor. O seu discurso é fixado sobre páginas. Ali pode ser conservado e encontrado após milênios, intacto. Platão fala também e sobretudo às gerações futuras, a quem está longe. As impressões e as emoções não podem modificar o sentido do discurso, os seus conceitos. À particularidade do contato humano, do relato face a face, torna-se um tipo de comunicação que pretende ser universal, que considera mais importante o que se disse, e não o modo pelo qual se disse. Escrito, o discurso se presta a uma leitura científica; não a uma escuta afetiva (GALASSO, 2005: 24).

Aliás, nesse sentido, pode-se dizer que deve ser atribuído a Platão o nascimento da própria literatura filosófica (ZUCCHELLO, 2005), através da criação de diálogos filosóficos. Com efeito, em cada um dos diálogos platônicos é articulado um cenário adequado para o desenvolvimento de uma discussão fecunda, na qual o protagonista principal — invariavelmente Sócrates — é confrontado com temas morais, políticos, científicos, com interlocutores presumidamente competentes, pois de algum modo estão envolvidos com o tema central do diálogo.

Diante de todo esse cenário de transformações colossais no mundo helênico, durante a passagem da comunicação oral para a difusão da escrita, Platão foi definitivamente um verdadeiro profeta da nova cultura. O próprio método dialético platônico conectado com a problemática das Ideias não poderia estar independente da emergente civilização da escrita. Platão crítica e inverte os pilares da cultura oral poético-mimética e introduz novas bases para o pensamento, o que seria inconcebível sob um pano de fundo diferente, isto é, na fase anterior à disseminação da escritura (REALE, 2011).

Entendimento no mesmo sentido também pode ser extraído do seguinte comentário da Havelock:

O alfabetismo não amadureceu completamente os seus resultados até o início da era helenística, em cujo pensamento conceitual adquiriu, por assim dizê-lo, caráter corrente e o seu vocabulário tornou-se mais ou menos uniforme. Platão, que viveu bem no meio dessa revolução, a prenunciou e dela se torna o profeta (HAVELOCK, 1983: 3).

Apesar de todo esse protagonismo de Platão, nesse momento especial de revolução cultural no mundo grego, ele criticou firmemente a escrita, pois colocou a oralidade axiologicamente acima da escrita, apesar de sua imensa obra escrita, que inclui *A Apologia de Sócrates*, 34 diálogos e 13 cartas, embora ainda haja alguma controvérsia sobre a autenticidade de algum material epistolar e de alguns dos diálogos (ZUCHELLO, 2005).

3. A CRÍTICA DE PLATÃO À ESCRITA

Não é tarefa singela desvendar o verdadeiro papel assumido por Platão por ocasião da afirmação da escrita no mundo grego. Com efeito, em duas famosas passagens de sua vasta obra o ateniense revelou-se um crítico contundente da forma escrita. Para fins de análise, cita-se primeiramente a sua posição externada no Diálogo *Fedro*:

Sócrates - Pois isto [sc. a escrita] produz esquecimento nas almas dos que aprendem, através da negligência da memória, já que, devido à crença na escrita, eles são lembrados a partir do exterior por sinais alheios e não a partir do interior, eles mesmos por si mesmos. Não para a memória, mas para a rememoração, descobriste o remédio. E forneces para teus alunos uma aparência de sabedoria e não a verdade. Pois recebendo uma grande quantidade de informação, sem instrução adequada, acreditarão ser muitosábios, quando, na verdade, são em grande parte ignorantes e difíceis de se lidar, tendo se tornado sábios em aparência, ao invés de sábios de verdade [...] Não é verdade que o que pensa legar com as letras uma arte e o que, por sua vez, aceita que algo possa ser claro e seguro a partir das letras estariam repletos de muita ingenuidade e em realidade ignorariam a predição de Amon, acreditando que os discursos escritos sejam algo mais do que um meio para lembrar ao que já sabe aquelas coisas de que tratamos escritos? *Fedro* - Exatamente. *Sócrates* - Pois, penso, *Fedro*, que a escrita possui isto de terrível, o que, com efeito, a torna semelhante à pintura. Pois também os produtos desta são apresentados como seres vivos, mas se eles se pergunta algo, eles silenciam de modo totalmente solene. O mesmo também vale para os discursos escritos. Podemos achar que eles falam para exprimir alguma reflexão, mas se nós os interrogamos, porque queremos compreender o que dizem, uma só coisa eles se contentam em dizer e é sempre a mesma. E uma vez escrito, além disso, todo discurso circula por toda parte, tanto entre aqueles que prestam atenção e compreendem quanto entre aqueles a quem não convém. E não sabe distinguir para quem é necessário falar e para quem não é. Sendo mal compreendido e injustamente insultado, necessita sempre do autor para vir em seu socorro, pois ele mesmo é incapaz de proteger-se. *Fedro* - Também

nisso tens muitíssima razão. *Sócrates* - E, então, veríamos um outro tipo de discurso que seja irmão legítimo deste, de que maneira ele surge, e o quanto é melhor e mais poderoso do que ele? *Fedro* - O que queres dizer com um outro tipo e como ele vem a ser? *Sócrates* - Eu me refiro àquele que é escrito na alma do que aprende juntamente com a ciência; que sabe como defender-se e que sabe distinguir entre aqueles a quem deve dirigir-se e aqueles em cuja presença deve calar. *Fedro* - Queres dizer a palavra viva e animada de um homem que possui ciência, e diante da qual a palavra escrita é apenas uma sombra? (*Fedro*, 275a-276a).

Na sua publicação em que é proposta uma nova interpretação de Platão, Reale (1997: 54-67) assim desenvolve os argumentos lançados por Platão, no *Fedro*, contrários aos discursos escritos:

1. *O escrito não aumenta a sabedoria e nem a memória dos homens.* A forma escrita não é útil, pois grande parte dos leitores consegue assimilar os ensinamentos escritos somente no nível da opinião, ou seja, permanece uma mera aparência da compreensão da verdade. Isso ocorre porque os discursos escritos têm somente uma função hipomnemática, isto é, propiciam a recordação do saber já adquirido através da oralidade. *O escrito não consegue defender-se sem o auxílio do seu autor.* A forma escrita é similar às criaturas desenhadas na pintura; ambos parecem vivos, embora sejam estáticos e sem vida. Por isso, são incapazes de dar resposta a alguma objeção ou crítica. Com relação ao escrito há um agravante, pois ele é incapaz de eleger as pessoas adequadas para a leitura e compreensão ao dirigir-se a todos.
2. *O escrito é mimesis, imitatio do discurso realizado na dimensão oral.* A forma escrita não é superior ao discurso oral porque é mera cópia do modelo originário. Na medida em que o escrito é grafado no papel, o discurso realizado na dimensão da oralidade penetra a própria alma de quem apreende, e, assim, é considerado dinâmico e capaz de se defender sozinho.
3. *O escrito envolve grande parte de “jogo”, enquanto a oralidade implica “seriedade”.* Confiar a verdade ao escrito significa plantá-la em um ambiente artificial, mas há mera aparência do seu entendimento. Portanto, por mais belo que seja, não irá produzir frutos. Aquele que possui a ciência e age com “seriedade”, através da arte dialética confia as “coisas de maior valor” apenas à oralidade, fixando-as na alma capaz de apreendê-las. Mas se o faz por escrito, não age com “seriedade”, pois se trata de um “jogo” que insiste em mitos e que é incapaz de comunicar a verdade de modo adequado.
4. *A clareza e a completude pertencem somente à oralidade.* O modelo ideal de escrito exige que o seu autor conheça a verdade e a alma dos destinatários,

para fazer uma correspondência entre eles. Por isso, não existe discurso escrito com “seriedade”, pois ele não consegue limitar-se apenas àqueles capazes de acolhê-lo, o que inviabiliza uma correspondência adequada entre a verdade e a alma. Por conseguinte, apenas os discursos realizados através da oralidade são dotados de “clareza”, “completude” e “seriedade”.

5. *O filósofo confia as “coisas de maior valor” somente à oralidade e não ao escrito.* Quem foi capaz de escrever, conhecendo a verdade, sem consignar as “coisas de maior valor”, é capaz de vir ao seu “socorro” através da oralidade. Esse é o verdadeiro filósofo, pois a sua essência é revelada na dimensão da oralidade, e não através do escrito.

Essas objeções em face da forma escrita, apresentadas por Platão no seu Diálogo *Fedro*, são categóricas em enfatizar que o escrito tem limitações que o distanciam do modelo originário. Pela modalidade escrita não é possível expressar a verdade adequadamente, pois o “socorro” dialético da oralidade não pode ser dispensado.

Portanto, o paradigma tradicional de interpretação dos diálogos platônicos de forma autárquica, isto é, bastantes em si mesmos, fica um pouco comprometido, uma vez que a autonomia dos escritos platônicos é negada pelo próprio autor, que assume uma posição contraditória, ao menos aparentemente. Entretanto, também daí exsurge um problema incontornável aos partidários das doutrinas não escritas, pois os testemunhos indiretos dão acesso a um conteúdo escrito, e não a um “socorro dialético” oral!

Mas os denominados *autotestemunhos* platônicos em desfavor da escritura prosseguem ainda em outra conhecida passagem de sua monumental obra:

Uma coisa, entretanto, eu posso afirmar: no que diz respeito a todos aqueles que escreveram ou escreverão e que dizem conhecer as coisas às quais eu me dedico, seja que tenham ouvido de mim ou de terceiros falar sobre elas, ou que as tenham descoberto por si mesmos, todos esses, na minha opinião, nada podem entender sobre o assunto. Sobre isso, não existe, e não existirá nunca, um livro escrito por mim, pois trata-se aí de um saber que não pode absolutamente ser formulado como os outros saberes. É somente depois de uma longa familiaridade com a própria coisa e quando a ela se consagrou a vida que, subitamente, como a luz que brota de uma fagulha que se acende, o saber se produz na alma e passa a se alimentar por ele mesmo. No entanto, há pelo menos uma coisa que eu sei bem, é que coisas escritas ou ditas por mim são melhor ditas por mim mesmo, pois se fossem ditas ou escritas de um modo ruim seria também minha a maior dor. Mas, se eu achasse possível escrever ou falar sobre essas coisas de um modo adequado ao grande público, que obra mais bela do que essa poderíamos ter realizado em

nossas vidas: confiar a um escrito aquilo que representa uma grande utilidade para a humanidade, e trazer a natureza dessas coisas à luz, para que todos pudessem vê-la? (*Carta VII*, 341b-d).

Uma vez mais é conveniente utilizar a linha de raciocínio traçada por Giovanni Reale (1997: 68-74) para analisar os argumentos desenvolvidos por Platão, na *Carta VII*, acerca das deficiências do escrito:

1. *A prova que Platão submetia aos que se aproximavam da filosofia.* Para os aspirantes a ingressar na vida filosófica Platão exigia uma prova, que era a apresentação de forma objetiva da filosofia no seu conjunto, mas com ênfase nas grandes dificuldades e fadigas envolvidas. O possuidor de natureza apta à filosofia compreendia que, apesar dos obstáculos existentes, era o *modus vivendi* mais correto e se colocava imediatamente à disposição do mestre. Por outro lado, aqueles que não possuíam natureza apta à filosofia ficavam perplexos diante do grande número de coisas a aprender, das dificuldades da busca incessante, e achavam que já haviam escutado o suficiente, desistindo de buscar a verdade.
2. *As “coisas de maior valor” devem ser consignadas unicamente à oralidade.* O tirano Dionísio de Siracusa, depois de ouvir uma única preleção oral de Platão, imaginou ter aprendido todas as coisas, inclusive aquelas de “maior valor”, as quais teve a ousadia de consigná-las ao escrito. Platão é enfático ao afirmar que o simples fato de escrever o que só pode ser reservado à oralidade demonstra que Dionísio nada compreendeu das “coisas de maior valor”.
3. *As razões gnosiológicas pelas quais as “coisas de maior valor” não são consignadas ao escrito.* Apenas os homens que têm natureza adequada são capazes de alcançar os fundamentos últimos do real pela escritura. Porém, essa é uma via inútil, pois tal finalidade somente pode ser alcançada na dimensão oral. Por outro lado, para aqueles que não têm natureza apta, e que se perdem com facilidade na busca, é inútil o escrito sobre tais coisas.
4. *Quem escreve sobre as “coisas de maior valor” não faz por motivos corretos.* As denominadas “coisas de maior valor” podem ser reduzidas a uma pequena quantidade de proposições, e quem as possui não precisa de recursos para lembrar o que está impresso na sua própria alma. Assim sendo, aquele que escreve sobre tais coisas não o faz por razões aceitáveis, mas somente para glória pessoal e sem a preparação adequada.

Nesse outro rol de objeções formuladas por Platão contra a modalidade escrita, expressos na *Carta VII*, fica claro que o escrito é incapaz de expressar

de modo adequado as “coisas de maior valor”. Em tal documento, Platão deixa claro que não existe e jamais existirá um escrito seu sobre “as coisas de maior valor”, o que coloca em xeque o paradigma hermenêutico tradicional. Contudo, para aqueles que valorizam as doutrinas não escritas como novo paradigma interpretativo, resta também a situação aporética de admitir os escritos da tradição indireta, os quais versam sobre aquilo que Platão não quis escrever.

Porém, esse é um ponto que merece um esclarecimento, porque frequentemente é alvo de confusões. Em verdade, Platão não afirma de forma categórica a impossibilidade de se escrever acerca das denominadas “coisas de maior valor”. O que deve ficar claro é que o ateniense recusava veementemente a exposição escrita de sua doutrina oral a um público inadequado e incapaz de compreendê-la de maneira acertada, o que com certeza ensinaria uma enormidade de mal-entendidos e refutações descabidas (REALE, 1997).

David Ross (2008) considera que as objeções formuladas por Platão contra a escritura podem parecer estranhas, pois o ateniense escreveu muito e com maestria acerca dos temas mais complexos. Por outro lado, devem ser consideradas naturais tais restrições à modalidade escrita, eis que Platão teve em Sócrates sua maior inspiração. E Sócrates, pelo que se sabe, nunca escreveu nada, já que preferiu o método dialogado de perguntas e respostas, através do qual os esclarecimentos e as modificações cabíveis podiam ser introduzidos à medida em que a situação exigisse.

Inclusive a escolha do estilo dialógico por Platão, descartando outra modalidade de estilo literário (tratado, poema etc.), revela a sua preferência pelo método socrático para construir o seu edifício filosófico, consagrando, assim, a maiêutica para a posteridade.

Contudo, as dificuldades encontradas para a adequada interpretação da obra platônica são incomensuráveis, pois alguns paradoxos deixam o intérprete perplexo. Por exemplo, Platão demonstrou que era indispensável abandonar a cultura oral poético-mimética, mas defendeu a oralidade, colocando-a acima da escritura, enfatizando que as “coisas de maior valor” devem ser consignadas oralmente.

Outro paradoxo aparece quando se percebe que, paralelamente à crítica da escritura, através dos argumentos antes mencionados, Platão também admite a modalidade escrita, pois se revelou um dos maiores escritores de todos os tempos e exerceu influências incomparáveis (REALE, 2011). Talvez por isso que Vittorio Hösle diz que, após a Bíblia, Platão foi o mais importante intérprete da tradição ocidental (HÖSLE, 2002).

Diante disso, a fim de tentar encontrar uma solução plausível para o entendimento – ou ao menos a racionalização – das contradições aparentes e das lacunas encontradas nos escritos platônicos, alguns pesquisadores procuram se valer da “tradição indireta” para uma melhor compreensão dos diálogos de Platão.

4. AS DOCTRINAS NÃO ESCRITAS REVELADAS PELA TRADIÇÃO INDIRETA

Inicialmente é oportuno esclarecer algumas distinções relevantes, para evitar equívocos, no que concerne a três noções que por vezes se confundem, embora sejam completamente distintas entre si, a saber: testemunhos indiretos, doutrinas não escritas, e Teoria dos Princípios (MIGLIORI, 2011).

Com efeito, alguma interpretação deficiente pode surgir com facilidade quando essas noções não estiverem bem assimiladas, pois é possível estabelecer um elo entre elas afirmando que existe uma Teoria dos Princípios em Platão, a qual faz parte das doutrinas não escritas e que foram reveladas pela tradição indireta. Contudo, tal objetividade de raciocínio não dispensa o intérprete de fazer as distinções pertinentes.

Os testemunhos indiretos são os escritos posteriores aos textos de Platão, que discutem os mais variados assuntos relativos ao pensamento platônico. A maior parte desses testemunhos indiretos enfrentam temas contidos nos diálogos; mas algumas vezes tais testemunhos contêm alusões às doutrinas não escritas.

As doutrinas não escritas são constituídas pelas “coisas de maior valor”, as quais Platão afirmou que não devem ser consignadas por escrito. Aliás, nesse sentido, entre os adeptos da tradição indireta prevalece uma tendência de enfatizar que aquilo que é dito expressamente, meramente aludido, ou inclusive omitido propositalmente, nos Diálogos Platônicos, deve ser interpretado à luz da Teoria dos Princípios.

Esse mesmo raciocínio aplica-se à Teoria das Ideias, sendo mera ilação lógica a sua aplicabilidade inclusive à Teoria dos Princípios. Quanto à Teoria das Ideias, é a seguinte a lição de Migliori:

[...] logo, a reticência sobre as coisas de “maior valor” envolve *em um sentido* toda a filosofia platônica, *em outro sentido* relativamente pouco; de fato, em cada diálogo há muito de não dito, mas há ainda muito de dito e ainda de aludido, de indicado ao leitor como problema, como aporia a ser superada, como trabalho a ser completado; de consequência, para dar um exemplo, mesmo se em substância uma *Teoria das Ideias nunca é exposta claramente*, o que encontramos nos diálogos é suficiente para delinear-la nas suas grandes linhas (MIGLIORI, 2011: 41).

Por fim, a Teoria dos Princípios é constituída pela porção mais relevante e elaborada da metafísica platônica e, exatamente por esse motivo, com certeza não é escrita, pois “a coisa é óbvia, dado que os termos primeiros são *de todo ponto de vista e em todo sentido* as coisas de maior valor, visto que nada pode ser pensado além destas” (MIGLIORI, 2011: 42).

Essa “obviedade”, assinalada por Migliori, significa que os “termos primeiros” ou “princípios” são as premissas básicas que servem como pano de fundo aos diálogos. Por esse motivo não devem ser consignadas por escrito, pois já estão “escritas” na alma dos filósofos.

Feitas essas distinções cabíveis, resta enfatizar que há uma forte tendência de conferir papel de destaque à chamada “tradição indireta”, a qual foi alçada à condição de novo paradigma hermenêutico. Essa corrente é designada de *indireta* porque não se fundamenta exclusiva e/ou diretamente na obra escrita de Platão, mas abrange o testemunho dos discípulos do ateniense, inclusive com relação às doutrinas não escritas.

Para ilustrar algumas alusões da tradição indireta à existência de doutrinas não escritas em Platão, na sequência pretende-se transcrever alguns testemunhos geralmente invocados pelos estudiosos. Um testemunho importante sobre a filosofia platônica, oriundo da tradição indireta, é tributado a Simplicio:

[...] Platão disse que o Uno (*hén*) e a dualidade indeterminada (*aóristón dyáda*) são princípios também no âmbito das coisas sensíveis (*aisthetón*), mas ele [Platão] pôs a dualidade indeterminada também no âmbito das coisas inteligíveis (*en tois voetois*) e disse que é o indefinido (*ápeiron*); ademais, pôs o grande-e-pequeno (*méga kai mikròn*) como princípios (*arkás*) [...] nos seus discursos Sobre o Bem (*Peri Tagatou*) aos quais assistiram Aristóteles, Heraclides, Estieue e outros discípulos de Platão, os quais colocaram por escrito as coisas ditas de maneira enigmática [...] (*apud* XAVIER, 2005a: 124).

Alexandre de Afrodísia é outro testemunho componente da tradição indireta considerado relevante:

[...] Platão disse que também os princípios do número são princípios das Idéias e o Uno é princípio de tudo (*archàs élegen einai kai tò hén tôn pánton*). Ademais, as Idéias são princípios das outras coisas (*tà eide tôn állon archai*) e os princípios dos números eram ditos a unidade (*tén monáda*) e a dualidade (*tèn dyáda*) [...]. Mas antes, [...] é a dualidade que tem em si mesma o muito e o pouco (*polý/olígon*): de fato, o duplo é muito, o meio é pouco, e ambos são na dualidade; esta oposta ao Uno, dado que o primeiro é indivisível, enquanto a segunda é divisível. (*apud* XAVIER, 2005a).

Mas uma atenção especial deve ser conferida a Aristóteles, pela sua condição de principal discípulo de Platão na Academia. David Ross (2008: 117-120) afirma

que há pelo menos nove passagens em que se pode cogitar de referência do estagirita a fontes de seu conhecimento sobre Platão em doutrinas não escritas:

1. [...] “aqueles que postulam dois elementos da gênese – como Parmênides postulou o fogo e a terra – faz os intermediadores [...] misturá-los [...] O mesmo curso e seguido por aqueles que advogam três elementos, como Platão faz em sua divisão (*en taij diaresesin*); pois ele fala desse intermediário que mistura” *Geração e Corrupção*, 330b 13; *apud* ROSS, 2008: 117).
2. “Novamente, não é permissível romper um grupo natural, o de pássaros, por exemplo, pondo os seus membros abaixo de bifurcações diferentes, como é feito na Teoria das Ideias de Platão nas divisões escritas (*aigegrammenai diareseij*), onde alguns pássaros são classificados como animais da água, e outros são colocados em uma classe diferente” (*Partes dos Animais*, 642b 10; *apud* ROSS, 2008: 117-118).
3. “Algumas coisas são chamadas de prévias ou posteriores em virtude de sua natureza e essência, a saber: aquelas que podem existir sem as outras e não vice-versa; uma distinção (*diairesei*) que Platão faz” ou “que estava acostumado a fazer” (*Metafísica*, 1019a I; *apud* ROSS, 2008: 119).
4. No *De Anima* 404b 16-18, Aristóteles menciona a análise que Platão faz da alma no *Timeu* e, após, refere que certas doutrinas foram estabelecidas adiante de outra forma. Aqui cabe a advertência de Cherniss, no sentido de que a passagem diz respeito a Xenócrates, e não a Platão (ROSS, 2008).
5. “Platão costumava mesmo objetar aos pontos uma existência como dogma geométrico. Ele dava o nome de ‘princípio da linha’ — e isso com frequência — às linhas invisíveis” (*Metafísica*, 992a 20-2; *apud* ROSS, 2008: 120).
6. [...] “e então Platão não estava tão longe do erro quando disse que há tantas formas quanto há espécies do objeto natural” (*Metafísica*, 1070a 18; *apud* ROSS, 2008: 120).
7. “Se o 1 é o ponto inicial, a verdade sobre os números deve ser de preferência o que Platão costumava dizer, e também deve haver um primeiro 2 e 3, e os números não devem ser comparáveis uns com os outros” (*Metafísica*, 1083a 32; *apud* ROSS, 2008: 120).
8. “Platão estava certo ao levantar esta questão e perguntar, como ele costumava fazer: Estamos no caminho de ou no caminho para os primeiros princípios?” (*Ética a Nicômaco*, 1095a 32; *apud* ROSS, 2008: 120).
9. “É porque Platão no *Timeu* diz que a matéria e o espaço são o mesmo; pois ‘participante’ e espaço são idênticos. De fato, é verdade que a consideração que ele dá do participante é diferente do que ele diz nas suas assim chamadas ‘doutrinas não-escritas’” (*Física*, 209b 11-17; *apud* ROSS, 2008: 120).

Conforme se pode inferir dos textos escritos por Aristóteles, “Platão concebe a sua filosofia segundo um complexo hierárquico-ontológico derivado de dois princípios supremos – o Uno e a Díada Indefinida – causadores de toda a realidade” (XAVIER, 2005a: 123). Como se pode ver, a alusão à Teoria dos Princípios é sempre muito objetiva e exígua, já que foi legada pela tradição indireta e registrada por escrito com a finalidade exclusiva de utilização, pelos discípulos de Platão, durante o recesso da Academia (XAVIER, 2005b).

Para a finalidade do presente estudo, essa breve referência ao que se entende por Teoria dos Princípios, isto é, o seu conteúdo, é suficiente, pois o próprio Konrad Gaiser é breve e objetivo ao tratar do assunto:

Chamando [...] essa Teoria dos Princípios de Platão [expressa nas “Doutrinas não escritas”] quero dizer que Platão pretendia falar dessas coisas somente no círculo restrito de seus discípulos que, depois de uma longa e intensa preparação matemático-dialética, eram capazes de captá-las de maneira adequada. Não se deve entender, ao contrário, um segredo artificioso, tal como se encontra em conventículos de culto religioso, ou em ligas sectárias ou grupos de elite (GAISER, 1988: 192).

Tudo isso inevitavelmente culmina numa questão por demais tormentosa, em torno da qual se pretende tecer algumas considerações, e que consiste em indagar a respeito do valor que deve ser atribuído às chamadas doutrinas não escritas para o entendimento dos Diálogos de Platão. Ou seja: de que maneira a Teoria dos Princípios – revelada pela tradição indireta, a qual noticia a existência dessas doutrinas não escritas – pode contribuir para uma melhor compreensão do *Corpus platonicum*?

5. AS DOCTRINAS NÃO ESCRITAS NO CONJUNTO DA OBRA PLATÔNICA

As doutrinas não escritas eram consideradas apenas aspectos secundários das lições de Platão. Entretanto, com a evolução dos estudos sobre o tema, tornaram-se a própria estrutura de interpretação de todos os escritos platônicos, considerando-se tal enfoque um novo paradigma hermenêutico, em face do caráter revolucionário de interpretação proposto por Reale (1997).

Os estudos mais aprofundados sobre tal tema surgiram a partir de meados do século passado, nomeadamente através de Hans Krämer e Konrad Gaiser, estudiosos da chamada *Escola de Tübingen*, os quais formularam a tese segundo a qual as doutrinas não escritas de Platão são imprescindíveis para a compreensão dos escritos de Platão (XAVIER, 2005b).

Um aspecto por demais importante e que merece ser ressaltado é que esse novo modo de interpretar a filosofia platônica em nenhum momento diminui a importância do que Platão escreveu, e, via de consequência, da necessidade de interpretar os diálogos platônicos. O próprio Reale, valendo-se de lição de Gaiser, antecipa-se em noticiar esse grave equívoco e de pronto tecer os esclarecimentos que considera oportunos para enfatizar que o novo paradigma enfatiza que a reconstrução do pensamento de Platão:

(...) não pode conduzir a uma ‘desvalorização’ dos diálogos literários. Em primeiro lugar, trata-se de reconquistar uma importante dimensão para a interpretação dos próprios escritos, depois de se ter perdido a consciência dela no decurso de séculos. Cada afirmação em torno a uma doutrina esotérica subjacente aos diálogos só poderá valer como apropriada na medida em que possibilitar uma melhor compreensão da obra escrita e mostrar como necessário e significativo o que nos diálogos aparece como desconexo, isto é, os momentos aporéticos e jocosos. E sem dúvida deve-se entender também que a peculiaridade e o significado do filosofar platônico no seu conjunto apareçam em nova luz, pela inclusão de uma dimensão ulterior” (REALE, 1997: 88).

É possível perceber que esse novo paradigma não confere autonomia aos diálogos, no sentido de uma interpretação autárquica, conforme a qual cada diálogo se basta a si mesmo e independe de outras fontes para ser compreendido. Ou seja, o paradigma da *Escola de Tübingen-Milão* rechaça a postura do intérprete que toma os Diálogos Platônicos como autônomos, seja em seu conjunto ou isoladamente.

Não se pretende um deslocamento do monopólio da tradição escrita à tradição oral, pois o que se preconiza é uma relação de complementaridade e síntese de ambas as tradições, inclusive para aferir as condições de possibilidade de uma tradição sobreviver sem recorrer à outra.

Nesse sentido, Reale chega à conclusão que o novo paradigma hermenêutico reconhece a “perda da autarquia dos diálogos, devida à valorização da tradição indireta”, do que deve ser extraída a lição pertinente, qual seja, não significa a perda de valor dos diálogos, mas exatamente o contrário, isto é, “um incremento do seu valor, porque se mostram iluminados nas suas zonas de sombras” e podem ser lidos com maior clareza e riqueza. Entretanto, o acréscimo propiciado pela tradição indireta é muito sutil: “é como um último trecho de uma escalada, que é o mais breve e, ao mesmo tempo o mais comprometedor (REALE, 1997: 88).

Vê-se que a nova proposta interpretativa implica uma releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das doutrinas não escritas, com o propósito de superar o paradigma tradicional. Esse paradigma anterior foi capitaneado pela orientação conferida por Schleiermacher, e encontrou adeptos de relevo, tais como Harold

Cherniss e Paul Friedländer, mas limitava o papel da tradição indireta, pois dizia que as doutrinas não escritas não deveriam ser admitidas, ou teriam importância secundária para entender o *Corpus platonicum*.

De acordo com a nova concepção hermenêutica, o paradigma tradicional deve ser iluminado por uma releitura da obra escrita de Platão, com ênfase nas doutrinas não escritas como pano de fundo, a fim de qualificar o entendimento dos textos do ateniense. Nesse sentido há uma importante lição de Nietzsche que merece ser lembrada:

Toda hipótese (i.e. de Schleiermacher) está em contradição com a explicação que se encontra no *Fedro*, e se apoia numa falsa interpretação. Com efeito, Platão diz que o escrito possui a sua significação somente para aquele que já sabe, como meio de recurso à memória. Portanto, o escrito mais perfeito deve imitar a forma do ensinamento oral exatamente com o fim de fazer lembrar o modo como aquele que conhece tornou-se cognoscente.

O escrito deve ser “um tesouro para o recurso à memória” para quem escreve e para seus companheiros filósofos. Ao invés, para Schleiermacher o escrito deve ser um meio que é o melhor em segundo grau para conduzir aquele que não sabe ao saber. A totalidade dos escritos tem uma finalidade geral própria de ensino e educação. Mas, de acordo com Platão, o escrito em geral não tem uma finalidade de ensino e educação, e sim uma finalidade de avivar a memória daquele que já é educado e já possui o conhecimento. A explicação da passagem do *Fedro pressupõe* a existência da Academia, e os escritos são meios para ajudar a memória daqueles que são membros da Academia” (NIETZSCHE *apud* XAVIER, 2005b: 153-154).

Nesse contexto, os *autotestemunhos* de Platão — contidos no Diálogo *Fedro* e na *Carta VII* — bem como os testemunhos de seus discípulos sobre as doutrinas não escritas, constituem o pilar maior do novo paradigma hermenêutico da Escola de Tübingen-Milão. Oportuno esclarecer que essa nova designação da Escola deve-se à adesão e contribuição significativa do professor Giovanni Reale, à época vinculado à Universidade Católica do Sagrado Coração, de Milão.

Assim sendo, uma compreensão do pensamento de Platão exige que os testemunhos de seus discípulos sejam considerados como documentos válidos e indispensáveis para informar aquilo que é omitido nos diálogos platônicos, especialmente porque o próprio Platão considerava os seus discípulos juízes mais qualificados para escrever sobre as verdades últimas do que o tirano Dionísio de Siracusa.

6. A HERANÇA DA ORALIDADE PRATICADA NA ACADEMIA

Parece razoável admitir essa releitura de Platão, considerando que a importância da tradição oral não se limita ao Platonismo. Com efeito, o próprio ensino universitário está sedimentado nessa base. De fato, o escopo das instituições universitárias parece residir, prioritariamente, no treinamento intelectual superior que ultrapassa a mera leitura de textos, pois exige a relação direta entre professor e aluno.

O contato direto entre mestre e discípulo tem uma parcela indispensável de comunicação não verbal. Atualmente, toda pesquisa científica requer o uso de instrumentos cujo domínio exige longa prática, que não se limita apenas à instrução verbal, pois, como assinala Theodore M. Porter, “a prática científica diária tem tanto a ver com a transmissão de habilidades e práticas quanto como estabelecimento de doutrinas teóricas” (PORTER, 1995: 13).

Em meados do século passado, Michael Polanyi salientava que a pesquisa científica abrange uma determinada parcela de “conhecimento tácito”, o qual não pode ser verbalizado. “Na prática, isso significa que os livros e os artigos de revistas científicas são veículos necessariamente inadequados para a comunicação desse conhecimento, uma vez que *aquilo que mais interessa não pode ser comunicado em palavras*” (PORTER, 1995: 13, grifos do autor).

Ainda sobre as tradições orais, uma outra observação também é pertinente, embora seja formulada sob outro prisma. É que um texto escrito sempre pode ser interpretado sob os mais variados aspectos, conforme os inteligentes versos de Emily Dickinson: “uma palavra está morta quando é dita, alguns dizem. Eu digo que começou a viver naquele momento” (DICKINSON, 1924).

Com isso se quer salientar que é quase impossível o autor dizer tudo o que pretendeu com o texto, mas também a recíproca é verdadeira: quase sempre é possível interpretar o texto sob um outro aspecto que o autor não tratou explicitamente, ou abordou apenas de forma superficial. Dito de outra forma, trata-se de uma antiga distinção entre uma interpretação *exotérica* e outra interpretação *esotérica*, que pode ser atribuída a cada autor.

No caso específico de Platão, “exotérico” significa o pensamento que o ateniense destinava através de seus escritos inclusive àqueles que estavam “fora” da Academia. “Esotérico”, por sua vez, significa o pensamento que Platão restringia apenas ao círculo de seus discípulos, no “interior”, “dentro” da Academia. “Esotérico” também era entendido de modo vago, “pois indicava genericamente uma doutrina destinada a permanecer envolta em misterioso segredo, como uma espécie de metafilosofia para iniciados” (REALE, 1994: 23). Hegel, ao tratar do Platão *esotérico*, parece ter um entendimento bastante esclarecedor:

Uma [...] dificuldade poderia nascer da distinção que se costuma fazer entre filosofia esotérica e exotérica. Tennemann afirma: “Platão valeu-se do direito de que goza todo pensador de comunicar somente a parte das suas descobertas que julgava oportuno e de comunicá-las somente àqueles que julgava capazes de acolhê-la. Também Aristóteles tinha uma filosofia esotérica e uma filosofia exotérica, com a diferença, porém, de que nele a distinção dizia respeito somente à forma, e em Platão também à matéria”. Tolices! Pareceria quase que o filósofo possui seus pensamentos como coisas exteriores: ao contrário, a idéia filosófica é algo de muito diferente, ela é que possui o homem. Quando os filósofos falam de temas filosóficos, devem exprimir-se segundo as suas idéias e não podem guardá-las no bolso. Se, como alguns, falam de maneira extrínseca, todavia nos seus discursos está sempre contida a idéia, por pouco que a matéria tratada tenha conteúdo. Para entregar um objeto externo não é preciso muito, mas para comunicar idéias é necessário capacidade e essa permanece sempre de alguma maneira esotérica, de modo que não há nunca o puramente exotérico nos filósofos (HEGEL apud REALE, 1994: 23-24).

Em face de todas as implicações envolvidas, parece inevitável lançar mão das “doutrinas não escritas” para uma releitura dos diálogos platônicos, pois não é dado ao intérprete recusar todas as fontes disponíveis para obter a melhor hermenêutica no objeto de seus estudos, e a tradição indireta fornece elementos valiosos para iluminar os pontos obscuros da obra escrita de Platão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante quatro séculos — de VIII a.C. até IV a.C., mesmo quando a escrita já estava disponível — o mundo helênico foi dominado por uma cultura da oralidade, ou seja, a forma tradicional de comunicação era verbal, em detrimento da forma escrita, a qual era utilizada apenas excepcionalmente no caso de leis, decretos e inscrições em lápides.

A palavra era empregada de maneira ritualizada, servindo como instrumento por excelência de memorização, através de uma linguagem tradicional transmitida de geração em geração e alvo de uma enormidade de rituais nos quais cada palavra permanece numa ordem imutável. Os poemas homéricos representam de maneira emblemática esse período.

A passagem de uma cultura fundada na oralidade para uma cultura com prevalência da forma escrita de comunicação consistiu numa verdadeira revolução cultural na Hélade. Com efeito, a implementação do processo de alfabetização e difusão da escrita exigiu uma nova configuração social.

O período de vida de Platão, compreendido entre 427 a.C. e 347 a.C., coincide com o período de transição da cultura oral para a cultura escrita, razão pela qual é imprescindível considerar esse decisivo momento histórico em todo o estudo platônico.

Platão foi escritor exemplar e, ao mesmo tempo, crítico da escritura. Na condição de escritor optou pela forma dialógica de comunicação, em homenagem à maiêutica socrática e para enfatizar o cenário ideal para a prática da filosofia. A partir da prevalência da forma de comunicação escrita, Platão produziu uma vasta obra, adotando o diálogo como modo de escrever, provavelmente para não se afastar da oralidade, tanto quanto possível.

Platão produziu uma monumental obra. Todavia, não hesitou em afirmar que as *coisas de maior valor* não devem ser consignadas por escrito, pois um público leitor inadequado e incapaz propiciaria uma série de mal-entendidos e refutações descabidas. O recurso à tradição indireta procura encontrar um ponto de equilíbrio entre o Platão escritor e o Platão crítico da escritura.

A tradição indireta é representada pelos testemunhos posteriores aos textos escritos por Platão, e revelam a existência de doutrinas não escritas, constituídas especialmente pela Teoria dos Princípios e designadas pelo ateniense como “coisas de maior valor”, que eram transmitidas apenas de forma oral aos seus discípulos na Academia.

A Teoria dos Princípios consiste no fundamento da filosofia platônica conforme um engenho hierárquico-ontológico derivado de dois princípios supremos denominados de *Uno* e de *Díada Indefinida*, os quais seriam os *causadores de toda a realidade*.

A partir dos autotestemunhos platônicos e dos testemunhos da tradição indireta, as doutrinas não escritas tornaram-se muito difundidas e admitidas, e passaram a ser o próprio eixo interpretativo dos Diálogos de Platão, assumindo o caráter de novo paradigma hermenêutico.

Esse novo paradigma não diminui a importância dos escritos platônicos, mas pretende revelar uma relevante faceta para a compreensão dos próprios escritos, lançando alguma luz naquilo que aparece nos diálogos de forma desconexa.

Parece razoável admitir a existência de um Platão esotérico, pois a tradição oral, representada pelo contato direto entre o mestre e o discípulo, existiu desde tempos remotos e subsiste até hoje, inclusive como razão de ser do ensino superior presencial. Além disso, o escrito deve ser interpretado lançando-se mão de todos os recursos hermenêuticos disponíveis e, no caso de Platão, as doutrinas não escritas devem ser consideradas pelo intérprete no arcabouço de possibilidades interpretativas.

Uma nova interpretação de Platão tornou-se inevitável, através da releitura dos diálogos, tendo como pano de fundo as doutrinas não escritas, pois esse novo paradigma hermenêutico viabiliza uma compreensão de maior alcance, notadamente porque fornece elementos valiosos para iluminar os pontos obscuros da obra escrita do ateniense.

REFERÊNCIAS

DICKINSON, Emily. *The Complete Poems of Emily Dickinson*. Edited by Martha Dickinson Bianchi. Boston: Little, Brown and Company of Boston, 1924. Disponível em: <http://www.bartleby.com/113/1089.html>. Acesso em: 24 ago 2014.

FARANDA, Laura. *Le lacrime degli eroi*. Milano: Jaca Book, 1992.

GAISER, Konrad. *La metafísica della storia in Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1988.

GALASSO, Lucia. Oralità e scrittura nel mondo Classico. *Rev. Antropos*, vol. 1, n. 1, p. 21-25. Disponível em: <http://www.antrocom.net/upload/sub/antrocom/010105/03-Antrocom.pdf>. Acesso em: 19 ago 2014.

HAVELOCK, Eric Alfred. *Cultura orale e civiltà della scrittura da Omero a Platone*. Roma-Bari: Laterza, 1983.

HAVELOCK, Eric Alfred. *La musa impara a scrivere*. Bari-Roma: Laterza, 1987.

HÖSLE, Vittorio. Platonism and its Interpretations – The Three Paradigms and their Place in History of Hermeneutics. *Rev. Videtur*, n. 14, 2002. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur14/vittorio.htm>. Acesso em 20 ago 2013.

MIGLIORI, Maurizio. A Filosofia não se aprende! Platão verdadeiro mestre e o escrito como “alusão protréptica”. *Rev. Archai*, n. 6, jan. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/3749/3253>. Acesso em 20 ago 2014.

PLATÃO. *Diálogos. Fedro – Cartas – O primeiro Alcibiades*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1975.

PLATÓN. *Obras Completas*. 2. ed. 13 reimpressão. Madrid: Aguilar, 1993.

PORTER, Theodore M. *Trust in Numbers: The Pursuit of Objectivity in Science and Public Life*. Princeton/NJ: Princeton University Press, 1995.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Volume II. São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Loyola, 1997.

REALE, Giovanni. *Alla ricerca della sapienza segreta*. Milano: Rizzoli, 1998.

REALE, Giovanni. A interpretação de Platão inaugurada pelo Escola de Tübingen e por mim apresentada em sentido epistemológico como “paradigma hermenêutico” alternativo àquele dominante. *Rev. Archai*, Brasília. n. 6, jan. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/archai/issue/view/445>. Acesso em 19 ago 2014.

ROSS, David. *A Teoria das Ideias de Platão*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

XAVIER, Dennys Garcia. Para uma metafísica platônica à luz da “tradição indireta”. *Rev. Hypnos*, São Paulo, ano 10, n. 15, 2º Semestre, p. 117-128, 2005a.

XAVIER, Dennys Garcia. Para uma leitura alternativa de Platão. *Rev. Educação e Filosofia*, Uberlândia/MG. v. 19, n. 38, p. 145-157, jul./dez. 2005b.

ZUCHELLO, Dario. *Platone e la scrittura filosofica*. Roma: Noein, 2005. Disponível em: <https://www.yumpu.com/it/document/read/15053151/platone-e-la-scrittura-filosofica-noeinnet>. Acesso em: 20 ago 2014.

THE INFLUENCE OF THE UNWRITTEN DOCTRINES ON THE INTERPRETATION OF PLATO'S WORK

ABSTRACT: A true cultural revolution happened in the Hellenic world in the period of transition from an oral culture to a written culture, in which Plato made decisive contributions, since he lived in this crucial moment in History. The Athenian philosopher was a ferocious critic of the written word, despite having written many dialogues. He considered the orality a form of superior communication, since the *things of greater value* should not be registered in writing form. Therefore, the unwritten doctrines, revealed by indirect tradition, allow a new analysis of Plato, since these are potentially able to clarify obscure parts of his dialogues.

KEYWORDS: Plato. Orality. Scripture. Indirect tradition. Unwritten doctrines.

LA INFLUENCIA DE LAS DOCTRINAS NO ESCRITAS EN LA INTERPRETACIÓN DE LA OBRA DE PLATÓN

RESUMEN: Sin duda es una verdadera revolución cultural que se produjo en el mundo helénico durante la transición de una cultura oral a una escrita, en la que Platón hizo importantes aportes, ya que vivió en este momento histórico decisivo. El filósofo ateniense fue un feroz crítico de la palabra escrita, a pesar de haber escrito muchos diálogos. Consideró la oralidad como una forma superior de comunicación, ya que las cosas de mayor valor no deben escribirse. De esta manera, las doctrinas no escritas, reveladas por la tradición indirecta, autorizan una nueva lectura de Platón, ya que son potencialmente capaces de esclarecer puntos oscuros en sus diálogos.

PALABRAS-CLAVE: Platón. Oralidad. Escritura. Tradición indirecta. Doctrinas no escritas.